



Julia Quinn

UMA NOITE COMO ESTA

QUARTETO SMYTHE-SMITH 2



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Iana, uma das pessoas mais fortes que conheço.
E para Paul, apesar de eu ainda não entender por que alguém pode
precisar de sete sacos de dormir.

PRÓLOGO

— **W**instead, seu trapaceiro desgraçado!

Daniel Smythe-Smith piscou, confuso. Estava um pouco bêbado, mas *pensou* ter ouvido alguém acusá-lo de trapacear nas cartas. Demorou um instante para ter certeza – não fazia nem um ano que era o conde de Winstead, e às vezes ainda se esquecia de virar quando alguém o chamava pelo título.

Mas, não, ele era Winstead, ou melhor, Winstead era ele e...

Daniel balançou a cabeça. O que estava pensando mesmo?

Ah, certo.

– Não – disse lentamente, ainda confuso com toda aquela história.

Levantou a mão em sinal de protesto, porque tinha certeza de que não trapaceara. Na verdade, depois daquela última garrafa de vinho, essa era provavelmente a única coisa da qual tinha certeza. Mas não conseguiu falar mais nada. E mal conseguiu sair do caminho quando a mesa surgiu, vindo em sua direção.

A mesa? Diabos, quanto ele havia bebido?

Mas era verdade, a mesa agora estava tombada, as cartas espalhadas no chão, e Hugh Prentice gritava como um louco.

Hugh também devia estar bêbado.

– Não trapaceei – afirmou Daniel.

Ergueu as sobrancelhas e piscou com força, como se assim pudesse afastar o embotamento provocado pelo álcool que parecia estar obscurecendo... bem, tudo. Daniel olhou para Marcus Holroyd, seu amigo mais próximo, e deu de ombros.

– Eu não trapaceio.

Todo mundo sabia que ele não trapaceava.

Mas Hugh claramente estava fora de si, e Daniel não conseguiu fazer nada além de ficar olhando para ele enquanto o homem se inflamava, acenando com os braços, a voz cada vez mais alta. Hugh lembrava um chipanzé, pensou Daniel, achando graça. Exceto por não ter todos aqueles pelos.

– Do que ele está falando? – perguntou a ninguém em particular.

– Não havia possibilidade de você ter aquele ás – acusou Hugh. Então se lançou na direção de Daniel, um braço esticado em um gesto não muito firme de acusação. – O ás deveria estar... deveria estar... – Acenou com a mão para algum ponto ao redor onde antes estivera a mesa. – Ora, você não deveria estar com ele – murmurou.

– Mas eu estava – retrucou Daniel.

Não falou com raiva. Não falou nem mesmo de maneira defensiva. Só como um fato consumado, e com um dar de ombros que significava *o-que-mais-posso-dizer*.

– Não poderia estar – disparou Hugh. – Sei onde está cada carta.

Era verdade. Hugh sempre sabia onde estava cada carta do baralho. A mente dele era aguçada de um jeito assustador. E ele também sabia fazer contas de cabeça muito bem. Contas complexas, com mais de três dígitos, com empréstimos e passagens de uma coluna para outra, e toda aquela porcaria que eles haviam sido obrigados a praticar inúmeras vezes na escola.

Em retrospecto, Daniel provavelmente não deveria ter desafiado o outro para um jogo. Mas ele estava buscando algum divertimento e, para ser sincero, achava que fosse perder.

Ninguém jamais ganhara um jogo de cartas contra Hugh Prentice.

A não ser, ao que parecia, Daniel.

– Incrível – murmurou Daniel, olhando para as cartas.

Era verdade que elas agora estavam espalhadas pelo chão, mas ele sabia quais eram as suas. Ficara tão surpreso quanto qualquer um quando abaixara a mão vencedora.

– Eu ganhei – anunciou, embora tivesse a sensação de que já dissera isso. Virou-se para Marcus. – Imagine só...

– Você está escutando o que ele está dizendo? – sussurrou Marcus, e em seguida bateu palmas na frente do rosto de Daniel. – Acorde!

Daniel encarou o amigo, irritado, e franziu o nariz por causa do zumbido nos ouvidos. Francamente, aquilo fora desnecessário.

– Estou acordado – falou.

– Vou vingar minha honra – grunhiu Hugh.

Daniel o encarou, surpreso.

– O quê?

– Escolha seu padrinho.

– Está me desafiando para um duelo?

Era isso que estava parecendo. Mas ele estava bêbado outra vez. E achava que Prentice também.

– Daniel – grunhiu Marcus.

Daniel se virou.

– Acho que ele está me desafiando para um duelo.

– Daniel, *cale a boca*.

– Humpf. – Daniel desdenhou Marcus com um gesto de mão. Amava o amigo como um irmão, mas às vezes ele era bastante enfadonho. – Hugh – disse, dirigindo-se ao homem furioso à sua frente –, não seja idiota.

Hugh avançou.

Daniel deu um pulo para o lado, mas não foi rápido o bastante e os dois acabaram caindo no chão. Daniel era uns bons 5 quilos mais pesado, mas Hugh contava com a fúria a seu favor, enquanto Daniel tinha apenas uma confusão mental. Assim, Hugh já havia acertado pelo menos quatro socos antes que Daniel desferisse o primeiro.

E foi em vão, porque Marcus e algumas outras pessoas se colocaram entre os dois, afastando-os.

– Você é um maldito trapaceiro – esbravejou Hugh, debatendo-se enquanto dois homens o continham.

– E você é um idiota.

A expressão no rosto de Hugh era sombria.

– Vou vingar minha honra.

– Ah, mas não vai mesmo – bradou Daniel. Em algum momento, provavelmente quando Hugh acertara o primeiro soco no queixo dele, a confusão mental de Daniel evaporara, dando lugar à raiva. – *Eu* vingarei a minha honra.

Marcus grunhiu.

– No Campo Verde? – disse Hugh friamente, referindo-se a um lugar isolado no Hyde Park onde os cavalheiros acertavam suas diferenças.

Daniel o encarou.

– Ao amanhecer.

As vozes foram abafadas e o silêncio se instalou, enquanto todos esperavam que um dos dois recuperasse o bom senso.

Mas isso não aconteceu. É claro que não aconteceu.

Hugh ergueu o canto do lábio.

– Que seja.



– Ah, maldição – gemeu Daniel. – Minha cabeça está doendo.

– É mesmo? – comentou Marcus, com sarcasmo. – Não consigo imaginar o motivo...

Daniel engoliu em seco e esfregou o olho bom, o que Hugh não deixara roxo na noite anterior.

– O sarcasmo não combina com você.

Marcus o ignorou.

– Você ainda pode colocar um ponto final nessa história.

Daniel olhou de relance as árvores em volta da clareira, a grama muito verde que se estendia à sua frente até chegar a Hugh Prentice e o homem ao lado dele, que examinava a pistola. O sol nascera menos de dez minutos antes, e o orvalho da manhã ainda cobria todas as superfícies.

– Agora é um pouco tarde, não acha?

– Daniel, isso é uma idiotice. Você não está em condições de atirar com uma pistola. Provavelmente ainda está embriagado depois de ontem à noite. – Marcus olhou para Hugh com uma expressão alarmada. – Assim como ele.

– Ele me chamou de trapaceiro.

– Não vale a pena morrer por isso.

Daniel revirou os olhos.

– Ah, pelo amor de Deus, Marcus. Ele não vai atirar em mim de verdade. Marcus voltou a olhar para Hugh com preocupação.

– Eu não estaria tão certo disso.

Daniel descartou as preocupações do amigo com outro revirar de olhos.

– Ele vai errar o tiro de propósito.

Marcus balançou a cabeça e foi encontrar o padrinho de Hugh no meio da clareira. Daniel observou enquanto os dois examinavam as armas e conversavam com o médico.

Quem diabo pensara em levar um médico até ali? Ninguém atirava de verdade no oponente naquele tipo de duelo.

Marcus voltou, com a expressão soturna, e entregou a arma a Daniel.

– Tente não se matar – murmurou. – Ou matar Hugh.

– Deixe comigo – disse Daniel, mantendo a voz animada o bastante para que Marcus ficasse louco de irritação.

Ele assumiu seu lugar, levantou o braço e esperou pela contagem até três.

Um.

Dois.

Tr...

– Maldição! Você atirou em mim! – exclamou Daniel, erguendo os olhos para Hugh em uma mistura de fúria e choque.

Fitou o próprio ombro, que sangrava. Fora só um ferimento superficial, mas, por Deus, dóia! E era o braço com o qual Daniel atirava.

– Que diabo estava pensando? – gritou.

Hugh ficou apenas parado, encarando Daniel como um idiota, como se não percebesse que uma bala podia arrancar sangue.

– Seu maldito idiota – murmurou Daniel, erguendo a pistola para atirar também.

Mirou para o lado, onde havia uma bela árvore, de tronco grosso, que poderia muito bem suportar um tiro, mas então o médico veio correndo em sua direção, falando algo que ele não entendeu. Quando Daniel se virou na direção do homem, acabou escorregando na relva úmida e seu dedo pressionou o gatilho. A arma disparou antes do que ele pretendia.

Maldição, o coice da pistola machucava. Idiota...

Hugh gritou.

Daniel gelou e, com o horror crescendo no peito, ergueu os olhos para o lugar onde estava Hugh.

– Ah, meu Deus.

Marcus já estava correndo para lá, assim como o médico. Havia sangue por toda parte, tanto que Daniel, mesmo do outro lado da clareira, podia vê-lo tingir a grama. A arma escorregou de seus dedos e ele deu um passo à frente, como se em transe.

Santo Deus, acabara de matar um homem?

– Tragam minha maleta! – gritou o médico, e Daniel deu mais um passo à frente.

O que deveria fazer? Ajudar? Marcus já estava fazendo isso junto com o padrinho de Hugh e, além do mais, Daniel não acabara de atirar no homem?

Como um cavalheiro deveria agir em uma situação dessas? Socorrer a pessoa depois de acertar uma bala nela?

– Agente firme, Prentice! – suplicou alguém, e Daniel deu mais um passo, e outro, até o cheiro acre de sangue atingi-lo como um soco.

- Amarre isso com força – disse uma voz.
- Ele vai perder a perna.
- Melhor do que perder a vida.
- Temos que estancar o sangramento.
- Aperte com mais força.
- Fique acordado, Hugh!
- Ele ainda está sangrando!

Daniel ficou atento. Ele não sabia quem estava dizendo o quê, e isso não importava. Hugh estava morrendo, bem ali, na relva, e fora ele, Daniel, o responsável.

Tinha sido um acidente. Hugh atirara nele. E a relva estava molhada.

Ele havia escorregado. Santo Deus, eles sabiam que ele havia escorregado?

- Eu... Eu... – Daniel tentou falar, mas não encontrou palavras e, de qualquer modo, apenas Marcus o ouviu.

- É melhor você ficar afastado – disse Marcus em um tom sóbrio.

- Ele está...? – Daniel tentou perguntar a única coisa que importava, mas se engasgou com as palavras.

E desmaiou.



Quando Daniel voltou a si, estava na cama de Marcus, com uma atadura presa com força ao redor do braço. Marcus estava sentado em uma cadeira próxima, olhando pela janela, que cintilava ao sol do meio-dia. Assim que ouviu o gemido de Daniel ao despertar, Marcus se virou na direção do amigo.

- E Hugh? – perguntou Daniel com a voz rouca.

- Está vivo. Ou ao menos foi a última notícia que tive.

Daniel fechou os olhos.

- O que eu fiz? – sussurrou.

- A perna dele está péssima – disse Marcus. – Você atingiu uma artéria.

- Foi sem querer.

A declaração soava patética, mas era verdade.

- Eu sei. – Marcus voltou a se virar para a janela. – Você tem uma mira terrível.

- Eu escorreguei. O chão estava molhado.

Daniel não sabia nem por que estava dizendo aquilo. Não tinha importância. Não se Hugh morresse.

Maldição, eles eram amigos. Aquilo era o mais estúpido de tudo. Os dois se conheciam fazia anos, desde o primeiro ano em Eton.

Mas Daniel bebera demais, Hugh também, todo mundo, na verdade, a não ser por Marcus, que nunca tomava mais do que um copo.

– Como está seu braço? – perguntou Marcus.

– Doendo.

Marcus assentiu.

– É bom que esteja – comentou Daniel, desviando o olhar.

Marcus provavelmente assentiu de novo.

– Minha família sabe?

– Não sei – respondeu Marcus. – Se ainda não sabem, logo saberão.

Daniel engoliu em seco. Não importava o que acontecesse, seria um pária, e isso se refletiria na família dele. As irmãs mais velhas já estavam casadas, mas Honoria acabara de debutar. Quem iria querê-la agora?

E Daniel não queria nem pensar no estado em que a mãe ficaria por causa daquela situação.

– Terei que deixar o país – declarou, sem rodeios.

– Ele ainda não está morto.

Daniel se virou para Marcus, sem conseguir acreditar na objetividade do amigo.

– Se Hugh sobreviver, você não precisará ir embora – continuou Marcus.

Era verdade, mas Daniel não conseguia acreditar que Hugh escaparia. Vira o sangramento. Vira a ferida. Diabos, vira até mesmo o osso, exposto à vista de todos.

Ninguém sobrevivia a um ferimento daquele. Se a perda de sangue não matasse Hugh, a infecção o faria.

– Tenho que ir visitá-lo – decidiu Daniel finalmente, recostando-se na cama.

Começou a se levantar quando Marcus o alcançou.

– Não é uma boa ideia – alertou Marcus.

– Preciso dizer a Hugh que não fiz de propósito.

Marcus ergueu as sobrancelhas.

– Não acho que isso vá importar.

– Para mim, importa.

– O magistrado pode estar lá.

– Se o magistrado quisesse me pegar, já teria me encontrado aqui.

Marcus considerou a declaração, então finalmente se afastou, dando um passo para o lado, e disse:

– Você está certo.

Ele estendeu o braço e Daniel segurou-o para que se firmasse.

– Eu estava jogando cartas porque é isso que um cavalheiro faz – comentou Daniel em uma voz inexpressiva. – E quando ele me chamou de trapaceiro, eu reagi, porque é isso que um cavalheiro faz.

– Não se torture assim – disse Marcus.

– Não – retrucou Daniel, em um tom sério. Iria terminar. Havia coisas que precisavam ser ditas. Ele se virou para Marcus com os olhos ardentes.

– Atirei para o lado, que é o que um cavalheiro faz – continuou, agora furioso. – *E errei*. Eu errei e acertei Hugh. E agora, maldição, vou fazer o que um *homem* faz e vou até ele, para dizer que lamento.

– Eu o levarei lá – disse Marcus.

Era só o que havia a dizer.



Hugh era o segundo filho do marquês de Ramsgate, e fora levado para a casa do pai, em St. James. Não demorou muito para Daniel perceber que não era bem-vindo.

– Você! – bradou lorde Ramsgate, apontando para Daniel como se estivesse vendo o diabo em pessoa. – Como ousa aparecer aqui?

Daniel ficou imóvel. Ramsgate tinha o direito de estar furioso. Estava em choque. Sofrendo.

– Vim para...

– Dar os pêsames? – interrompeu lorde Ramsgate em um tom sarcástico. – Sinto muito por decepcioná-lo, mas é um pouco cedo para isso.

Daniel se permitiu um lampejo de esperança.

– Então ele está vivo?

– A duras penas.

– Gostaria de me desculpar – acrescentou Daniel, rígido.

Os olhos de Ramsgate, que já eram saltados, se arregalaram de um modo que parecia quase impossível.

– Desculpar-se? Está falando sério? Você acha que um pedido de desculpas vai salvá-lo da forca se meu filho morrer?

– Não foi por isso que eu...

– Eu o verei ser *enforcado*. Não pense que não verei.

Daniel não duvidou disso nem por um segundo.

– Foi Hugh quem desafiou Daniel para o duelo – lembrou Marcus em voz baixa.

– Não me importa quem desafiou quem – disse Ramsgate, ríspido. – Meu filho fez o que devia: mirou para errar. Mas você... – Ele se virou para Daniel, então, o veneno e a dor se derramando. – Você atirou nele. Por que fez isso?

– Não tive a intenção.

Por um momento, Ramsgate não fez nada além de encará-lo.

– Você não teve a intenção. *Essa* é a sua explicação?

Daniel ficou em silêncio. A justificativa parecia débil a seus próprios ouvidos. Mas era a verdade. E era terrível.

Ele olhou para Marcus, esperando algum tipo de conselho silencioso, algo que lhe desse uma ideia do que dizer, de como proceder. Mas Marcus também parecia perdido, e Daniel imaginou que eles teriam se desculpado mais uma vez e se despedido se o mordomo não houvesse entrado na sala naquele exato momento, anunciando que o médico estava descendo, vindo do quarto de Hugh.

– Como ele está? – perguntou Ramsgate.

– Vai sobreviver – respondeu o médico –, desde que consiga evitar a infecção.

– E a perna?

– Vai ficar boa. Mais uma vez, se conseguir evitar a infecção. Mas vai ficar manco, e talvez fique com a perna fraca. O osso foi estilhaçado. Eu fiz o melhor que pude... – O médico deu de ombros. – Foi o máximo que pude fazer.

– Quando saberá se ele escapou da possibilidade de infecção? – perguntou Daniel.

Ele precisava saber.

O médico se virou.

– Quem é você?

– O demônio que atirou no meu filho – sibilou Ramsgate.

O médico recuou, chocado a princípio, então para se proteger, quando Ramsgate atravessou a sala.

– Escute bem – disse o marquês em uma voz cruel, avançando até estar com o nariz quase colado ao de Daniel. – Você vai pagar por isso. Acabou com a vida do meu filho. Mesmo que ele sobreviva, estará arruinado, com a perna e a vida arruinadas.

Uma pontada fria de inquietude atingiu Daniel. Sabia que Ramsgate estava furioso – tinha todo o direito de estar, aliás. Mas havia algo mais acontecendo ali. O marquês parecia desequilibrado, possuído.

– Se ele morrer – sussurrou Ramsgate –, você será enforcado. E se ele não morrer, se de algum modo você conseguir escapar da lei, eu matarei você.

Os dois estavam tão próximos que Daniel conseguiu sentir o hálito úmido escapando da boca de Ramsgate a cada palavra. E, ao olhar bem dentro dos olhos verdes do marquês, Daniel soube o que significava ter medo.

Lorde Ramsgate o mataria. Era só uma questão de tempo.

– Senhor – começou a dizer, porque precisava dizer alguma coisa. Não poderia simplesmente ficar parado ali, ouvindo aquelas palavras. – Devo pontuar que...

– Não, eu estou garantindo – cuspiu Ramsgate. – Não me importa quem você é ou que título seu bendito pai lhe passou. Você vai morrer. Entendeu?

– Acho que está na hora de irmos embora – interveio Marcus. Colocou o braço entre os dois homens e cuidadosamente aumentou o espaço entre eles. – Doutor – disse, acenando com a cabeça em despedida na direção do médico, enquanto apressava Daniel para a saída. – Lorde Ramsgate.

– Saiba que está com os dias contados, Winstead – avisou lorde Ramsgate. – Ou, melhor ainda, com as horas contadas.

– Senhor – disse Daniel mais uma vez, tentando demonstrar respeito. Queria fazer aquilo da forma certa. Precisava tentar. – Tenho que lhe dizer...

– Não se dirija a mim – interrompeu-o Ramsgate. – Não há nada que você possa dizer que vá salvá-lo agora. Não vai conseguir se esconder em lugar nenhum.

– Se o senhor o matar, também será enforcado – argumentou Marcus. – E, se Hugh sobreviver, vai precisar do senhor.

Ramsgate olhou para Marcus como se ele fosse um idiota.

– Acha que eu o matarei com as próprias mãos? É fácil contratar um assassino. Na verdade, o preço por uma vida é bem baixo. – Ele fez um gesto com a cabeça na direção de Daniel. – Até mesmo a dele.

– Preciso ir – disse o médico, e saiu apressadamente.

– Lembre-se disso, Winstead – falou lorde Ramsgate, pousando os olhos em Daniel com um desprezo cruel. – Você pode fugir, pode tentar se esconder, mas meus homens o encontrarão. E você não vai saber quem são. Portanto, não os verá chegando.



Aquelas foram as palavras que assombraram Daniel pelos três anos seguintes. Da Inglaterra à França, da França à Prússia e da Prússia à Itália. Ele as ouvia durante o sono, no farfalhar das folhas das árvores e em cada passo atrás de si. Aprendeu a manter a retaguarda protegida, a não confiar em ninguém, nem mesmo nas mulheres com quem ocasionalmente buscava prazer. E aceitou o fato de que nunca mais voltaria a colocar os pés em solo inglês ou a ver a família, até que, certo dia, para sua grande surpresa, Hugh Prentice foi até ele, mancando, em uma pequena cidade italiana.

Daniel sabia que Hugh sobrevivera. De tempos em tempos, recebia uma carta de casa. Mas não esperara vê-lo de novo, e com certeza não ali, sob o sol mediterrâneo que tostava a praça da cidade antiga e aos gritos de *arri-vederci* e de *buon giorno* que se erguiam como música no ar.

– Eu o encontrei – disse Hugh, e estendeu a mão. – Sinto muito.

Então, pronunciou as palavras que Daniel nunca imaginou que ouviria:

– Pode voltar para casa agora. Eu prometo.

CAPÍTULO 1

Para uma dama que passara os últimos oito anos tentando *não* ser notada, Anne Wynter estava em uma posição delicada.

Em aproximadamente um minuto, seria forçada a subir em um palco improvisado, fazer uma cortesia para pelo menos oitenta membros da alta sociedade londrina, sentar-se diante de um piano e tocar.

Servia de consolo, até certo ponto, o fato de que estaria dividindo o palco com mais três jovens. As outras musicistas – membros do deplorável Quarteto Smythe-Smith – tocavam violino ou violoncelo e teriam que ficar de frente para a plateia. Anne, pelo menos, poderia se concentrar nas teclas de marfim e manter a cabeça baixa. Com alguma sorte, a plateia estaria focada demais na terrível qualidade da música e não prestaria atenção na mulher de cabelos escuros que fora forçada a assumir no último minuto o lugar da pianista, que caíra terrivelmente – não, catastróficamente – doente (como declarava a mãe da moça em questão para qualquer um que pudesse ouvir).

Anne não acreditou nem por um minuto que lady Sarah Pleinsworth estivesse doente, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito – não se quisesse manter sua posição como governanta das três irmãs mais novas de lady Sarah.

Mas o fato era que lady Sarah *havia* convencido a mãe, que decidira que o espetáculo deveria continuar. Então, depois de contar em detalhes impressionantes a história de dezessete anos de concertos Smythe-Smiths, lady Pleinsworth declarara que Anne assumiria o lugar de sua filha. “Certa vez você me disse que havia tocado um pouco do *Quarteto para piano N° 1* de Mozart”, lembrou-a lady Pleinsworth.

Anne agora se arrependia profundamente disso.

Aparentemente não importava que fizesse oito anos que Anne não tocava a peça musical em questão ou que nunca a houvesse tocado inteira. Lady Pleinsworth não aceitaria questionamentos, e Anne fora levada à casa da cunhada dela, onde o concerto seria realizado, para ensaiar durante oito horas.

Era ridículo.

A única bênção foi o fato de o resto do quarteto ser tão ruim que os erros de Anne mal eram perceptíveis. Na verdade, o único objetivo que ela buscava naquela noite era *não* ser notada. Porque realmente não queria aquilo: ser percebida. Por uma variedade de razões.

– Está quase na hora – sussurrou Daisy Smythe-Smith, entusiasmada.

Anne deu um sorrisinho. Daisy não parecia perceber que tocava muito mal.

– Que alegria a minha... – disse Iris, irmã de Daisy, com a voz infeliz e fria. Iris compreendia.

– Por favor! – exclamou lady Honoria Smythe-Smith, prima das outras duas. – Esse concerto precisa ser maravilhoso. Somos uma família.

– Bem, ela não – argumentou Daisy, indicando Anne com a cabeça.

– Esta noite, ela é, sim – declarou Honoria. – E, mais uma vez, obrigada, Srta. Wynter. Sinceramente, a senhorita nos salvou.

Anne murmurou algumas palavras sem sentido, já que não conseguiu se obrigar a dizer que não havia problema, ou que o prazer era dela. Na verdade, gostava de lady Honoria. Ao contrário de Daisy, lady Honoria *percebia* como elas eram péssimas, mas, ao contrário de Iris, ainda desejava se apresentar. Era tudo pela família, insistia Honoria. Família e tradição. Dezesete grupos de primas Smythe-Smiths haviam se apresentado antes delas e, se as coisas saíssem como Honoria desejava, dezesete outros se seguiriam. Não importava a qualidade da música.

– Ah, importa, sim – murmurou Iris.

Honoria cutucou a prima delicadamente com o arco do violino.

– Família e tradição – lembrou. – *Isso* é o que importa.

Família e tradição. Anne não se importaria em ter um pouco das duas. Embora, para ser sincera, as coisas não houvessem dado muito certo para ela na primeira vez em que lidara com ambas.

– Consegue ver alguma coisa? – perguntou Daisy.

Ela pulava de um pé para o outro, como um passarinho frenético, e Anne já recuara duas vezes para proteger os dedos dos pés.

Honoria, que estava mais perto do local por onde entrariam, assentiu.

– Há alguns lugares vazios, não muitos.

Iris gemeu.

– É assim todo ano? – perguntou Anne, sem conseguir se conter.

– Assim como? – perguntou Honoria.

– Bem, hã...

Havia coisas que simplesmente não se diziam às sobrinhas da sua patroa. Por exemplo, não se fazia nenhum comentário explícito sobre a falta de talento musical de outra jovem dama. Nem se perguntava em voz alta se os concertos eram sempre terríveis assim ou se naquele ano estava particularmente ruim. E, com certeza, não se perguntava: *Se os concertos são sempre tão terríveis, por que as pessoas continuam vindo assistir?*

Bem naquele momento, Harriet Pleinsworth, de 14 anos, entrou derrapando por uma porta lateral.

– Srta. Wynter!

Anne se virou para a menina, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Harriet anunciou:

– Estou aqui para virar as páginas de sua partitura.

– Obrigada, Harriet. Vai ser de grande ajuda.

Harriet sorriu para Daisy, que a encarou com desdém.

Anne se virou, para que ninguém a visse revirando os olhos. Aquelas duas nunca haviam se dado bem. Daisy se levava a sério demais, e Harriet não levava nada a sério.

– Está na hora! – anunciou Honoria.

Então elas entraram no palco e, depois de uma breve apresentação, começaram a tocar.

Anne, por outro lado, começou a rezar.

Santo Deus, nunca fizera nada tão difícil na vida. Seus dedos corriam pelas teclas, tentando desesperadamente acompanhar Daisy, que tocava violino como se estivesse em uma corrida.

Isso é um absurdo, um absurdo, um absurdo, cantarolava Anne mentalmente. Era muito estranho, mas a única forma de suportar aquela apresentação era continuar a falar consigo mesma. A peça musical escolhida era muito difícil, quase impossível, mesmo para músicos talentosos.

Absurdo, absurdo... Ai! Dó susenido! Anne esticou o dedo mínimo bem a tempo de acertar a tecla. O que significava dois segundos depois do que deveria.

Ela deu uma rápida olhada na plateia. Uma mulher na fileira da frente parecia nauseada.

Volte ao trabalho, volte ao trabalho. Ah, Deus, nota errada. Não tinha importância. Ninguém perceberia, nem mesmo Daisy.

E Anne continuou a tocar, cogitando se não devia simplesmente inventar sua parte. Isso não conseguiria de forma alguma tornar a música ainda pior. Daisy passava voando pela própria parte, o volume variando entre alto e altíssimo; Honoria tocava de forma lenta e bem pensada, cada nota como um passo determinado; e Iris...

Bem, na verdade Iris era ótima. Não que isso importasse.

Anne respirou fundo e alongou os dedos durante uma breve pausa na parte do piano. Então, estava de volta à partitura e...

Vire a página, Harriet.

Vire a página, Harriet.

– Vire a página, Harriet! – sibilou.

A menina obedeceu.

Anne acertou o primeiro acorde, então percebeu que Iris e Honoria já estavam dois compassos à frente. Daisy estava... ora, santo Deus, Anne não tinha ideia de onde estava Daisy.

Pulou para o ponto no qual esperava que as outras estivessem. De qualquer modo, deveriam estar em algum lugar no meio do caminho.

– A senhorita pulou uma parte – sussurrou Harriet.

– Não importa.

E, de fato, não importava.

Então, enfim, ah, *enfim*, elas chegaram a um trecho em que Anne não precisaria tocar por três páginas inteiras. Ela endireitou o corpo, deixou escapar o ar que vinha prendendo por, ah, aparentemente dez minutos, e...

E viu alguém.

Ficou paralisada. Alguém as estava observando do fundo do palco. A porta pela qual elas haviam entrado – a mesma que Anne tinha certeza de ter fechado com um clique – estava agora entreaberta. E como ela era a integrante do grupo que estava mais perto da porta, e a única que não se encontrava de costas para ela, pôde ver parte do rosto de um homem espiando.

Pânico.

Anne sentiu uma onda de pânico dominá-la, comprimindo seus pulmões, queimando sua pele. Conhecia aquela sensação. Não acontecia muito, graças a Deus, mas acontecia com certa frequência. Toda vez que via alguém em um lugar onde não devia ter ninguém...

Pare.

Ela se obrigou a respirar. Estava na casa da nobre condessa de Winstead. Não poderia estar mais segura. O que precisava fazer era...

– Srta. Wynter! – sibilou Harriet.

Anne se sobressaltou e voltou a prestar atenção à música.

– Perdeu sua entrada.

– Onde estamos agora? – perguntou Anne freneticamente.

– Não sei. Não sei ler partituras.

Sem conseguir evitar, Anne ergueu os olhos.

– Mas você toca violino.

– Eu sei – respondeu Harriet, com uma expressão infeliz.

Anne examinou as notas na página o mais rápido que conseguiu, os olhos seguindo com agilidade de compasso em compasso.

– Daisy está olhando irritada para nós – sussurrou a menina.

– Shhh – fez Anne.

Ela precisava se concentrar. Virou a página, fez sua melhor aposta e abaixou os dedos em um sol menor.

Então, passou para o sol maior. Foi melhor. *Melhor* sendo um termo bastante relativo.

Pelo restante da apresentação, Anne manteve a cabeça baixa. Não ergueu os olhos nem para a plateia nem para o homem que as observava do fundo do salão. Percorreu as notas com tanta classe quanto o restante das Smythe-Smiths. Quando terminaram, levantou-se e fez uma cortesia de agradecimento, com a cabeça ainda abaixada. Então, murmurou alguma coisa a Harriet sobre precisar se arrumar e desapareceu.



Daniel Smythe-Smith não planejara voltar a Londres no dia do concerto anual da família e, para ser sincero, seus ouvidos desejavam fortemente que ele não tivesse ido, mas seu coração... bem, essa era outra história.

Era um bom momento para voltar para casa. Até mesmo com a cacofonia.

Sobretudo com a cacofonia. Nada era mais sinônimo de “lar” para um homem da família Smythe-Smith do que música mal tocada.

Ele não quis que ninguém o visse antes da apresentação. Afinal, passara três anos longe e sabia que seu retorno a ofuscaria. A plateia provavelmente teria agradecido a ele, mas a última coisa que Daniel queria era cumprir

mentar a família diante de uma multidão de lordes e damas, sendo que a maior parte deles devia achar que seria melhor Daniel ter permanecido no exílio.

Mas ele queria ver a família, assim, logo que ouviu a música começar, esgueirou-se em silêncio para dentro da sala de ensaios, foi pé ante pé até a porta que dava para o palco do salão de música e abriu apenas uma fresta.

Sorriu. Lá estava Honoria, com aquele grande sorriso estampado no rosto, enquanto atacava o violino com o arco. Honoria não fazia ideia de que não sabia tocar, pobrezinha. O mesmo acontecia com as outras irmãs dele. Mas Daniel as amava por tentarem.

No outro violino estava... santo Deus, aquela era Daisy? Ela não deveria estar no banco da sala de estudos? Não, na verdade ela já devia estar com 16 anos, pensou. Ainda não debutara, mas também não era mais uma menininha.

Elá estava Iris, no violoncelo, parecendo extremamente infeliz. E ao piano...

Daniel parou. Quem diabo estava ao piano? Ele se inclinou um pouco mais para a frente. Como a jovem estava com a cabeça baixa, ele não conseguia ver bem o seu rosto, mas uma coisa era certa: ela definitivamente *não* era uma de suas primas.

Ora, ora, *aquilo* era um mistério. Daniel sabia (porque a mãe lhe dissera várias vezes) que o Quarteto Smythe-Smith era composto de jovens damas Smythe-Smiths solteiras, e ninguém mais. A família, na verdade, tinha muito orgulho disso, de produzir tantas moças com talento musical (palavras da mãe de Daniel, não dele). Quando uma delas se casava, já havia outra esperando para assumir a posição. Nunca haviam precisado que alguém não pertencente à família ocupasse um lugar no quarteto.

Na verdade, a questão principal era: que pessoa não pertencente à família iria *querer* ocupar um lugar no quarteto?

Era provável que uma das primas tivesse ficado doente. Aquela era a única explicação possível. Daniel tentou lembrar quem deveria estar ao piano. Marigold? Não, ela tinha se casado. Viola? Ele achava que havia recebido uma carta dizendo que ela também se casara. Sarah? Sim, deveria ser Sarah ao piano.

Daniel balançou a cabeça. Tinha mesmo uma enorme quantidade de primas...

Observou a dama ao piano com certo interesse. Ela estava se esforçando muito para acompanhar as outras. Abaixava e levantava a cabeça enquanto olhava a partitura de relance e, de vez em quando, se encolhia. Harriet estava perto dela, virando as páginas nos momentos errados.

Daniel deu uma risadinha. Fosse quem fosse a pobre moça, ele esperava que a família dele a estivesse pagando bem.

Então, finalmente, a jovem ergueu os dedos das teclas, enquanto Daisy começava o penoso solo de violino. Daniel observou a moça deixar o ar escapar, alongar os dedos e...

Ela levantou os olhos.

O tempo parou. Simplesmente parou. Era o modo mais piegas e clichê de descrever, mas aqueles poucos segundos em que o rosto dela se ergueu na direção dele... pareceram se esticar e se estender, dissolvendo-se na eternidade.

Ela era linda. Mas isso não explicava a reação dele. Já tinha visto mulheres lindas. Já havia até dormido com uma grande quantidade delas. Mas aquela... Ela...

Até mesmo os pensamentos de Daniel pareciam ter emudecido.

Os cabelos dela eram cheios, negros e brilhantes, e não importava que estivessem presos para trás em um coque prático. Aquela jovem não precisava de cachos ou fitas de veludo. Poderia estar com os cabelos esticados para trás como uma bailarina ou ter a cabeça toda raspada que, ainda assim, seria a criatura mais maravilhosa que ele já vira.

Era o rosto dela, só podia ser. Em formato de coração, claro, com as mais incríveis sobrancelhas escuras e arqueadas. À meia-luz, Daniel não saberia dizer a cor dos olhos dela, e isso lhe pareceu trágico. Mas os lábios...

Ele esperava sinceramente que aquela mulher não fosse casada, porque *iria* beijá-la. A questão era apenas quando.

Então – Daniel percebeu o instante em que aconteceu –, ela o viu. O rosto da jovem se contorceu, ela deixou escapar um arquejo baixo e ficou paralisada, com os olhos arregalados. Daniel deu um sorrisinho irônico e balançou a cabeça. Será que a moça achava que ele era um louco varrido, esgueirando-se para dentro da Casa Winstead daquele jeito para espiar o concerto?

Bem, Daniel supunha que fazia sentido. Passara bastante tempo sendo cauteloso em relação a estranhos para reconhecer a mesma atitude em ou-

tra pessoa. A jovem não sabia quem ele era, e com certeza não deveria haver ninguém nos fundos do palco durante a apresentação.

O mais impressionante foi que ela não desviou os olhos. Manteve-os fixos nos de Daniel, e ele não se moveu – nem sequer respirou – até o momento ser interrompido pela prima dele, Harriet, que cutucou a mulher provavelmente para informá-la de que havia perdido sua entrada na música.

Depois a jovem não ergueu mais o olhar.

Mas Daniel continuou a observá-la. A cada virada de página da partitura, a cada *fortissimo*. Ele a observou com tanta atenção que, em determinado momento, deixou de ouvir a música. Sua mente passou a tocar uma sinfonia própria, sensual e plena, evoluindo em direção a um clímax perfeito e inevitável.

Clímax que nunca aconteceu. O encanto foi quebrado quando o quarteto chegou às notas finais, e as damas se levantaram e se curvaram em agradecimento. A beldade de cabelos negros disse alguma coisa a Harriet, que sorria aos aplausos como se ela mesma tivesse tocado. Então, a mulher se afastou tão rápido que Daniel ficou surpreso por ela não ter deixado marcas no chão.

Não importava. Ele a encontraria.

Atravessou em disparada o corredor dos fundos da Casa Winstead. Já se esgueirara várias vezes por ali quando era mais jovem; sabia exatamente o caminho que alguém tomaria se quisesse escapar sem ser visto. E, como esperava, conseguiu interceptá-la antes que ela virasse a última esquina em direção à entrada dos criados. Mas ela não o viu de imediato, não o viu até...

– Aí está a senhorita – disse Daniel, sorrindo como se estivesse cumprimentando uma amiga que não via fazia muito tempo.

Não havia nada como um sorriso inesperado para tirar alguém do prumo.

Ela se afastou para o lado, chocada, e um grito incontido escapou de seus lábios.

– Santo Deus – falou Daniel, cobrindo a boca da moça com a mão. – Não faça *isso*. Alguém vai ouvi-la.

Ele a puxou para si – era a única maneira de manter a mão firme sobre os lábios dela. O corpo da jovem era pequeno e delgado e tremia como uma folha. Ela estava aterrorizada.

– Não vou machucá-la – garantiu Daniel. – Só quero saber o que está fazendo aqui. – Ele esperou por um instante, então se ajeitou para poder

ver melhor o rosto dela. Os olhos da jovem encontraram os dele, escuros e assustados. – Muito bem, se eu a soltar, ficará em silêncio?

Ela assentiu.

Daniel pensou a respeito.

– Está mentindo.

Ela revirou os olhos, como se dissesse *O que esperava*, e ele riu.

– Quem é a senhorita? – perguntou.

Então, a coisa mais estranha aconteceu. A mulher relaxou nos braços dele. Um pouco, pelo menos. Daniel percebeu parte da tensão do corpo dela desaparecer e sentiu o hálito e o suspiro em sua mão.

Interessante. A jovem não estava preocupada por ele não saber quem era ela. A preocupação era que ele *soubesse*.

Lentamente, e com movimentos precisos o bastante para deixar claro que ele poderia mudar de ideia a qualquer momento, Daniel afastou a mão dos lábios dela. Mas não soltou sua cintura. Sabia que era um gesto egoísta, mas não conseguiu se obrigar a libertá-la.

– Quem é a senhorita? – sussurrou no ouvido da jovem.

– Quem é o *senhor*? – retrucou ela.

Daniel deu um sorrisinho.

– Perguntei primeiro.

– Não falo com estranhos.

Ele riu ao ouvir isso, então a girou para que ficassem frente a frente. Daniel sabia que seu comportamento era abominável, interpelando daquele jeito a pobre mulher. Ela não estava fazendo nada reprovável. Tocara no quarteto da família dele, pelo amor de Deus. Deveria *agradecer* a ela.

Mas Daniel estava se sentindo zozzo – quase cambaleante, na verdade. Havia algo naquela mulher que fazia o sangue dele se inflamar, e ele já estava um pouco tonto ao finalmente chegar à Casa Winstead depois de semanas de viagem.

Estava em casa. *Em casa*. E havia uma linda mulher em seus braços, que Daniel tinha certeza quase absoluta de que *não* planejava matá-lo.

Já havia algum tempo que ele não saboreava aquela sensação em particular.

– Acho... – disse ele em um tom perplexo. – Acho que preciso beijá-la.

Ela recuou de forma abrupta, não parecendo exatamente assustada, mas sim confusa. Ou talvez preocupada.

Mulher esperta. Sem dúvida ele parecia um louco.

– Um beijo rápido – assegurou Daniel. – Só preciso lembrar a mim mesmo...

Ela permaneceu em silêncio, então, como se não pudesse se conter, perguntou:

– O quê?

Ele sorriu. Gostou da voz dela. Era reconfortante e agradável, como um bom conhaque. Ou um dia de verão.

– O que é bom – respondeu.

Em seguida, levou a mão ao queixo dela e ergueu seu rosto na direção do dele. Ela prendeu a respiração – Daniel percebeu o ar escapando com dificuldade por seus lábios –, mas não lutou para se soltar. Ele esperou, só por um momento, porque se ela tentasse se libertar sabia que precisaria deixá-la ir. Mas não foi o que aconteceu. A mulher manteve os olhos encarando os de Daniel, tão hipnotizada pelo momento quanto ele.

Então Daniel a beijou. Hesitante a princípio, quase com medo de que ela desaparecesse de seus braços. Mas não foi o bastante. A paixão ganhou vida dentro dele e Daniel puxou-a mais para perto, deleitando-se com a pressão suave do corpo da jovem junto ao seu.

Ela era pequenina, com um corpo do tipo que faz um homem querer lutar contra dragões. Mas também era um corpo de mulher, quente e sensual em todos os lugares certos. A mão de Daniel ansiava por se fechar ao redor do seio dela, ou para se encaixar na curva perfeita do traseiro. Mas nem mesmo ele seria tão ousado, não com uma dama desconhecida e na casa da mãe dele.

Ainda assim, não estava pronto para soltá-la. A jovem tinha o cheiro da Inglaterra, da chuva suave e das planícies beijadas pelo sol. E sentir seu corpo era como estar no paraíso. Daniel queria envolvê-la por completo, se enterrar nela e permanecer ali pelo resto dos seus dias. Não tomara uma gota de álcool em três anos, mas estava inebriado, transbordando de uma leveza que jamais imaginara voltar a sentir.

Era loucura. Só podia ser.

– Como a senhorita se chama? – perguntou em um sussurro.

Precisava saber. Queria saber *tudo* sobre ela.

Mas a mulher não respondeu. Talvez, se tivessem mais tempo, ele conseguisse fazê-la falar. No entanto, os dois ouviram alguém descer as escadas

dos fundos e aparecer mais à frente, no mesmo corredor onde Daniel e a mulher ainda estavam presos em um abraço.

Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados, tensos.

– Não posso ser vista assim – sussurrou em um tom urgente.

Daniel a soltou, mas não porque ela pedira. A verdade é que viu quem tinha descido as escadas – e o que estavam fazendo – e se esqueceu completamente de sua beldade de cabelos negros.

Um grito furioso escapou de sua garganta e ele disparou pelo corredor como um louco.

CAPÍTULO 2

Quinze minutos mais tarde, Anne estava no mesmo lugar em que se encontrava quinze minutos antes, quando descera desabaladamente o corredor e se enfiara na primeira porta destrancada por que passara. Com a sorte que tinha (péssima), acabou em algum tipo de depósito, escuro e sem janelas. Uma exploração breve, às cegas, revelou um violoncelo, três clarinetes e possivelmente um trombone.

Havia algo conveniente naquilo. Ela acabara no cômodo onde os instrumentos musicais dos Smythe-Smiths eram guardados e esquecidos. E ficaria presa ali até que a insanidade que se desenrolava no corredor acabasse. Não tinha ideia do que estava acontecendo, mas conseguia ouvir uma grande quantidade de gritinhos, muitos grunhidos e alguns barulhos que pareciam de um punho acertando alguma parte do corpo de alguém.

Anne não viu nenhum lugar seguro para se sentar a não ser o chão. Assim, acomodou-se no piso frio de madeira, apoiou as costas na parede perto da porta e se preparou para esperar o fim da briga. Fosse lá o que estivesse acontecendo, Anne não pretendia fazer parte daquilo, mas o mais importante era que não queria estar nem *perto* quando aquelas pessoas fossem descobertas. E com certeza seriam, dado o enorme barulho que estavam fazendo.

Homens... Eram uns idiotas, todos eles. Embora parecesse haver também uma mulher no meio da confusão – era ela a responsável pelos gritinhos. Anne pensou ter ouvido o nome Daniel, então talvez Marcus, que

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br